

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 26
(JAN-MAR)
2017
PP. 231-248.

HISTÓRIA E REPRESENTAÇÃO: A IMAGEM DE LAMPIÃO NA LITERATURA DE CORDEL

Lais Carolina Machado e Silva

Mestranda na Universidade Federal de Goiás (UFG)

lais.karolina@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta comentário da representação de Lampião na Literatura de Cordel. O objeto do comentário é o cordel intitulado *A chegada de Lampião no céu*, de Guaipuan Vieira, cuja primeira edição data de 1997. Tem-se como objetivo destacar os elementos que constituem a imagem de Lampião no texto, imagem essa que representa o cangaaceiro, ora como herói, ora como bandido. Realizamos uma abordagem com base nas teorias relativas à Nova História, que proporciona o foco em novos objetos. Utilizamos também teorias relativas à memória e à representação. A base teórica da pesquisa para se pensar em cangaço e em banditismo social parte dos autores Facó (1978) e Hobsbawm (1976) e para se estabelecer a relação entre literatura e história utilizamos, como principal referencial teórico, Pesavento (1990). Por fim, a base teórica que direcionou a pesquisa sobre literatura de cordel se fundamenta em Silva (2010) e Vasquez (2008). Essa é uma pesquisa bibliográfica que se constitui na investigação de documentos acerca do tema abordado. Percebemos que, por apresentar uma linguagem informal e com marcas de oralidade, o cordel se aproxima da realidade linguística do leitor. A narrativa literária não possui compromisso com a verdade, mas se preocupa em fazer uma refiguração temporal, portanto percebemos que a dualidade apresentada na concepção da imagem de Lampião é um indício da contradição que permeia a sociedade em geral, concebendo-o ora como herói ora como bandido.

Palavras-chave: Lampião; Cangaço; Literatura de Cordel; Representação.

ABSTRACT

This research presents a critical analysis about of the representation of Lampião in cordel literature. The analysis' object is a cordel text Lampião arrival in Heaven of Guaipuan Vieira, whose first edition was 1997. The objective is to evidence the elements of the Lampião's image in the text. This is a contradictory image, because to presents a hero and a bandit. The theoretical foundation is the theory a History new or new history, providing the focus in a new object. We utilize too the theory about the memory and representation, that are fundamental to the research's development. The theoretical basis of 'Cangaço' and social banditry of the authors Facó (1978) and Hobsbawn (1976), to establish the connection between literature and history we used as the main theoretical framework Pesavento (1990). Finaly, the theoretical basis of cordel literature is in Silva (2010) and Vasquez (2008). This is a bibliography research that constitute in document's investigation about the theme. We see that the cordel presents a informal language. This language is close of the reality linguistic of reader. The literary narrative doesn't have commitment with true, but worry in to make one "Refiguração temporal", therefore the contradictions present at Lampião's image is a sign the contradictions presents in the society.

Keywords: Lampião; Cangaço, Cordel Literature; Representation.

Este artigo apresenta uma investigação acerca da representação de Lampião (Virgulino Ferreira da Silva) na Literatura de Cordel. Para tanto foi selecionado o texto *A chegada de Lampião no céu*, de Guaipuan Vieira (1997), que narra sua chegada ao céu e sua luta para obter o direito a um julgamento, no qual estivesse presente.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizamos uma abordagem com base nas teorias relativas à Nova História, que proporciona o foco em novos objetos como, por exemplo, a utilização da Literatura de Cordel como objeto de estudo, que até então estava à margem dos estudos históricos. É relevante abordar também a capacidade do ser humano de simbolizar, criando assim mitos, arquétipos e imagens, que

constituem o imaginário social e coletivo. O uso de teorias relativas à memória e à representação também serão de suma importância para a realização de uma pesquisa de fato relevante.

O principal e mais conhecido cangaceiro brasileiro foi Virgulino Ferreira da Silva, conhecido popularmente pelo apelido de Lampião. Nasceu em Serra Talhada (PE) em 7 de julho de 1898 e faleceu em Poço Redondo (SE) em 28 de julho de 1938. Conhecido também como o “rei do cangaço”. Nasceu em uma família de classe baixa, trabalhou com o pai na infância e em parte da adolescência, cuidando do gado. Começou a participar de um grupo de cangaceiros para vingar a morte de seu pai.

Lampião foi o expoente máximo do cangaço, mas não seu criador. O cangaço com seu modo de vida peculiar foi um fenômeno exclusivamente brasileiro. Já existia muito antes de Lampião nascer. Um bando de cangaceiros era um agrupamento de homens armados, que faziam da vingança, da extorsão e de outros delitos o seu meio de vida. (FERREIRA e AMAURY, 1999, p. 24)

O Cangaço surgiu muito antes de Lampião, no entanto, ele se tornou o mais importante cangaceiro deste movimento, assumiu o comando do cangaço a partir de um ato simbólico em que o então líder, “sinhô” Pereira, concedeu a ele o seu lugar. Os cangaceiros exerciam um grande fascínio sobre a população nessa época. Para os jovens, entrar para o mundo do cangaço significava ter uma ascensão social. Eram considerados homens corajosos, que trocavam a vida com a calmaria do cotidiano por uma vida de aventuras.

Esta temática foi escolhida a partir da percepção de uma diferença na maneira de se conceber a imagem de Lampião dentro de um mesmo texto, a primeira que mostra sua atuação como cangaceiro, efetuando muitos saques, sendo assim perseguido pela polícia, tido como um bandido, cangaceiro e “sem coração”, mas ao mesmo tempo nos apresenta um Lampião conhecedor de seus direitos, religioso, que conhece também os deveres de um cristão e que espera encontrar com seu padrinho, Padre Cícero.

Literatura e história: diálogos possíveis

A literatura, a partir da Nova História, passou a se constituir como fonte para o historiador, uma vez que pode ser considerada como a representação de uma temporalidade. Assim, a literatura reordena o horizonte mental de uma sociedade. Segundo Jacques Le Goff (1998), os historiadores ligados à História Nova ou Nova História procuraram construir uma narrativa histórica com destaque para exploração do simbólico e do imaginário. A Nova História, portanto, se abre ao diálogo com diversas ciências, tais como: antropologia, sociologia, literatura, psicologia, e outras ampliando também o olhar sobre as fontes.

De acordo com Pesavento (1990), no que diz respeito à relação entre história e literatura, o entrecruzamento que se estabelece entre as duas é possível pela noção de representação, que demonstra uma nova postura da história, que relativiza o seu poder de formulação da verdade. Desse modo, a clássica maneira de ser da história é substituída por

outra, onde as fontes são consideradas como indiciárias daquilo que poderia ter sido.

Nesse patamar, o historiador continua a ter o compromisso com as evidências em sua tarefa de reconstrução daquilo que é real, porém, nesse novo cenário, a leitura que faz é pautada nos olhares possíveis, ou seja, na pluralidade da ação dos sujeitos sociais. O critério de verdade poderia ser substituído pelo de verossimilhança. Entretanto, o historiador constrói o verossímil com base na pesquisa, nos rastros e indícios. Assim, o verossímil não é o avesso do real, mas outra forma de captá-lo. A literatura, para o historiador, continua a ser um documento ou uma fonte, em que se pode ler a representação que a mesma comporta. Nela se resgata a reapresentação do mundo. “A narrativa literária não precisa “comprovar” nada ou se submeter à testagem, mas guarda preocupações com uma certa refiguração temporal, partilhada com a história. Dando voz ao passado, história e literatura proporcionam a erupção do ontem no hoje.” (PESAVENTO, 1990, p.117)

Partindo do pressuposto de que a narrativa literária se preocupa em fazer uma refiguração temporal, podemos compreender a Literatura de Cordel partindo de seu contexto histórico.

A literatura de cordel é um gênero literário que já sofreu bastante preconceito, hoje não mais. Passou a ser valorizada, recebendo até mesmo uma Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Possui uma linguagem informal e regionalizada. De acordo com Vasquez (2008), as origens da literatura de cordel se confundem com as origens do próprio Brasil. Esse nome vem de Portugal e foi então atribuído pelo fato de os folhetos serem presos por um pequeno cordel ou barbante. Pode-se dizer que este tipo de poesia está relacionado ao romanceiro popular, pois se apresenta como romance em poesia. O solo nordestino se mostrou fértil para esse tipo de arte que é nascida da aridez, crescida na carência e que viceja na adversidade.

O surgimento da literatura de cordel no Nordeste foi possível pelas condições sociais e culturais peculiares, dessa

forma se tornou característica da própria fisionomia cultural da região. Todos esses fatores deram margem para o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo e das manifestações da memória popular.

Fatores de formação social contribuíram para isso, tais como: organização da sociedade patriarcal, surgimento de manifestações messiânicas, as secas periódicas que provocavam desequilíbrios sociais e econômicos, as lutas das famílias, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos. (VASQUEZ, 2008, apud Manuel Diegues Júnior).

Vasquez define o cordel como um resumo da história universal feito pelo homem do povo, é a enciclopédia da vida cotidiana escrita à medida exata em que os fatos vão ocorrendo- em tempo real. Geralmente são publicados em livretos, fabricados pelo próprio autor. Os temas são bastante diversos, desde as narrativas orais, transmitida pelo povo, histórias de amor, ficção e até mesmo folhetos jornalísticos.

Uma das características desse tipo de texto é a opinião explícita do autor sobre determinado fato da sociedade. Os cordéis não são impessoais, eles até usam técnicas para

persuadir o leitor. É produto de uma memória, seja ela individual ou coletiva, é produzida por um sujeito, inserido em determinada formação discursiva, que irá recontar aquilo que presenciou ou apenas ouviu. A Literatura de Cordel retrata os valores nordestinos e convida a refletir acerca da realidade social. Esse tipo de literatura carrega a herança cultural de diversos grupos e sociedades, podemos considerá-la como prática sócio-discursiva. (SILVA, 2010, p.308)

Portanto, partindo das características do texto na Literatura de Cordel, percebemos que além de informar, ele também se preocupa em reordenar as representações sociais invertendo as narrativas tradicionais como uma estratégia de denúncia dos desmandos de uma sociedade marcada pela desigualdade social.

Lampião na historiografia

Há muitas pesquisas que abordam a imagem de Lampião na Literatura de Cordel. É um tema que desperta

bastante curiosidade, pois envolve toda uma construção em torno de uma figura que se tornou pública, devido a seus atos.

Na pesquisa intitulada “*Lampião: representações na literatura de cordel em folhetos de Franklin Maxado*” (Cruz e Veiga) a presença de Lampião se vincula ao jogo que se estabelece entre história, realidade e ficção como elementos constituintes do gênero Literatura de Cordel. Aborda ainda a vida de Lampião como influência na construção das identidades relacionadas ao período do cangaço.

A pesquisa “*Literatura Dramática e Cordel: o exercício do filólogo-linguista em A chegada de Lampião no inferno*” (Correia, Jesus e Santos), faz uma análise que concilia os estudos literários e linguísticos, a partir de um trabalho filológico, que contribuem para as pesquisas em Crítica Textual.

Lampião é uma das figuras mais biografadas na Literatura de Cordel. O cordel mais famoso a seu respeito é *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco. De acordo com Cruz e Veiga (2012), Lampião é tema de diversos

folhetos da Literatura de Cordel. Quando vivo suas lutas eram retratadas pelos cordelistas, depois de morto os folhetos passaram a explorar, com uso de elementos imaginários, o destino da alma de Lampião.

O cordel que aqui é analisado foi escrito por Guaipuan Vieira, sua primeira edição data de 1997. Guaipuan Vieira faz parte da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, a maioria de seus livros está disponível em versão digital e gratuita, na Universia Brasil, bem como de diversos outros autores que também integram a Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Essa pesquisa que aqui se apresenta se difere das demais, pois busca elencar e entender a dualidade que se apresenta na construção da imagem de Lampião em um mesmo texto em que se concebe a imagem de Lampião ora como herói, ora como bandido. Após o contato com o texto surgiram vários questionamentos acerca da diversidade de imagens que representaram lampião na Literatura de Cordel. Essa dualidade na maneira de conceber Lampião pode

representar para os leitores a incerteza sobre o sentido histórico da ação do cangaceiro na formação de uma consciência histórica – forma de apreensão do passado – da sociedade nordestina.

O sentido do cangaço

O cangaço surgiu durante um período difícil no Nordeste, que sofria com o descaso do serviço público. A miséria, fome, seca e injustiças cometidas pelos coronéis-fazendeiros produziram no Nordeste um cenário favorável à formação de grupos armados conhecidos como cangaceiros.

Segundo Facó (1978) muitas foram as tentativas de entender e explicar o surgimento do cangaço que, talvez, datem do início mesmo do fenômeno. Explicações que vão desde o fator racial até a falta de comunicação e instrução. Até mesmo conhecedores da situação local, nascidos ali, narram fatos de onde se supõe que tirariam as conclusões lógicas, mas que acabam por se perder em conclusões errôneas. Todas as

razões atribuídas ao surgimento do cangaço, na verdade, já resultam da tremenda desigualdade social, sofrida por quem ali vivia.

Vê-se que predominam simples efeitos de causas profundas: ausência de justiça, analfabetismo, precariedade de comunicações e transportes, baixos salários. Quando tudo isto já resultava da tremenda desigualdade social, do débil desenvolvimento do capitalismo, do lentíssimo incremento das forças produtivas, da concentração da propriedade da terra, que dava poder econômico ilimitado a uma insignificante minoria de latifundiários. (FACÓ, 1978, p. 33)

O cangaço foi um movimento social ocorrido no sertão nordestino durante o fim do século XIX e início do século XX. Os cangaceiros com seus chapéus de abas largas, roupas de couro enfeitadas, armas de fogo na cintura, atuaram em cidades dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

De acordo com Facó (1978), o cangaceiro é o pobre do campo que saiu de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde, o seu próprio

destino. Os cangaceiros de algum modo questionavam as formas de domínio dos coronéis. O cangaço não questiona propriamente a presença do latifúndio, mas não deixa de ser uma luta em defesa do uso e da posse da terra pela população rural e uma reação aos desmandos dos donos da terra.

Esse movimento está diretamente relacionado ao coronelismo, entretanto é possível detectar laços de colaboração entre cangaceiros e coronéis, como também o contrário. Com o cangaço fortalecido as polícias estaduais se viam impossibilitados para inibir as ações dos cangaceiros, temidos pela violência e crueldade durante os ataques. Tal comportamento despertou o respeito e a admiração a vários integrantes do movimento, considerados heróis por parte da população, em razão da bravura e audácia. Os dois mais importantes bandos do cangaço foi o de Antônio Silvino e o de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, o “Rei do Cangaço”.

De outra parte, o banditismo social constitui fenômeno universal, que ocorre sempre que as sociedades se baseiam na agricultura (inclusive as economias pastoris), e mobiliza

principalmente camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados - por senhores, burgos, governos, advogados ou até mesmo bancos. (HOBBSAWM, 1976, p. 13)

Segundo Hobsbawm (1976), os bandidos sociais são proscritos rurais, encarados como criminosos pelo senhor e pelo Estado, mas continuam a fazer parte da sociedade camponesa, portanto são considerados por sua gente como heróis, campeões, vingadores, talvez até mesmo como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e apoiados.

Lampião sempre atribuía a sua entrada ao cangaço ao desejo de vingança pela morte de seu pai. Esse tipo de motivação comum à tradição das sociedades rurais, talvez tenha permitido que os delitos cometidos se tornassem aceitáveis aos olhos da população. Nessa época, o ato de fazer justiça com as próprias mãos antes de ser condenado, era considerado legítimo e o fato de não vingar a morte de um parente era visto como uma vergonha, um indício de fraqueza. Por isso, a maioria de suas vitórias se deve à proteção de parte

da população. Essas pessoas eram conhecidas como coiteiros, a elas se deve o fato de tantos êxitos, também a longevidade de sua carreira e a expansão de seu domínio.

Durante muito tempo tentou-se atribuir aos cangaceiros uma imagem de herói, mas nos últimos dias, o que se vê é diferente. Muitas pesquisas são feitas em torno da temática do cangaço, mas com o foco nas atrocidades que eram cometidas pelos integrantes desse movimento social, que, quando não matavam, mutilavam e deixavam marcas para que servissem de exemplo às outras pessoas. Lampião comandava um grupo de mais de 100 homens subdivididos em grupos, o que dificultava a ação da polícia.

Segundo Ferreira e Amaury (1999), as táticas usadas por Lampião e seus cangaceiros para ludibriar os volantes policiais, que percorriam o interior em seu enalço, ficaram famosas. Uma dessas táticas era o uso invertido das alpercatas, para dar impressão de que rumavam num sentido, quando na verdade se dirigiam para outro. Ainda nos dias atuais não há uma unanimidade a respeito de Lampião, que ora é descrito

como herói, ora como bandido, a depender da perspectiva de quem o julga. Essa contradição na forma de conceber a imagem de Lampião é visível no cordel que aqui é analisado:

Lampião nunca foi um líder de rebeliões ou um ídolo que servisse para a formação de camponeses revoltados. Política nunca foi parte de sua vida. Mas as populações humilhadas e ofendidas viam em Lampião um exemplo, naquele meio termo entre temer o que ele era e querer ser igual a ele, quase a justificar sua existência de bandoleiro errante. (FERREIRA e AMAURY, 1999, p. 28)

O bandido social não é considerado um criminoso e, muitas vezes, representa a parcela carente da sociedade. Segundo Hobsbawm (1976), o bandido social não encontra dificuldade para regressar à sua comunidade como membro respeitado, quando deixa de estar fora da lei e, mesmo na condição de foragido, não deixa fazer parte da comunidade.

O cordel

O folheto aqui analisado tem por título “*A chegada de Lampião ao céu*”, de Guaipuan Vieira. A primeira edição desse cordel é de 1997 e está disponível na internet, assim como a maioria de seus textos.

Guaipuan Vieira é poeta cordelista, radialista e xilógrafo. Possui duas graduações, uma em Teologia e a outra em História. Filho de poeta, aos dezesseis anos já iniciava seus cordéis. É autor de vários folhetos de cordel, alguns, inclusive, premiados e com destaque tanto na imprensa nacional quanto na internacional. Faz parte da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, em que ocupa a cadeira de número 19. É o segundo poeta com as obras mais procuradas no site Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br).

Alguns trechos do cordel foram selecionados para mapearmos a dualidade que se vai construindo ao longo do texto, o que nos permitirá enxergar a representação de Lampião que aqui se apresenta. Trechos que apresentam de uma forma mais clara as imagens acerca de Lampião.

De acordo com Chartier (1988), as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. É necessário relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza como estratégia de poder.

Há uma problemática do mundo como representação, que leva a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos. Há uma preocupação em compreender como um texto aplica-se à situação do leitor, como uma narrativa pode corresponder a uma refiguração da própria experiência. (CHARTIER, 1988, p.17)

O cordel, além de ser impessoal, apresenta também em sua construção uma linguagem despreocupada, com traços de oralidade, que aproxima o leitor da narrativa, fazendo com que ele enxergue traços de sua realidade na linguagem apresentada.

A primeira estrofe do cordel narra a chegada de Lampião ao céu e as impressões dos santos ao vê-lo.

Foi numa Semana Santa
Tava o céu em oração.
São Pedro estava na porta
Refazendo anotação
Daqueles santos faltosos
Quando chegou Lampião.

Nas próximas estrofes é narrada a ordem dada por São Pedro a Lampião, para que se retirasse do céu. No mesmo instante, o santo é questionado por Lampião, sobre a necessidade de se conhecer o que foi ensinado por Jesus. Nesse momento é possível ver a construção de um cangaceiro religioso, conhecedor das doutrinas de Jesus, questionando até mesmo o santo.

O pilotão apressado
Ligeiro marcou presença
Pedro disse a Lampião
Eu lhe peço com licença
Saia já da porta santa
Ou haverá desavença.

Lampião lhe respondeu
Mas que santo é o senhor?
Não aprendeu com Jesus
Excluir ódio e rancor?...
Trago paz nesta missão

Não precisa ter temor.

Na estrofe seguinte, já é possível perceber a imagem de um cangaceiro impiedoso e que, provavelmente, não ganhará o perdão de Deus. Os cangaceiros são caracterizados, nesse trecho, como um povo astucioso e que não tem piedade por ninguém. De acordo com Ferreira e Amaury (1999), muitas vezes a crueldade atribuída aos cangaceiros é exagerada, descrevendo atos que jamais existiram. Os procedimentos de execução que utilizavam não eram diferentes dos que eram usados pelos soldados. As atrocidades cometidas pelas forças que os perseguiam não eram menos violentas que as dos cangaceiros.

Disse Pedro isso é blasfêmia
É bastante astucioso.
Pistoleiro e cangaceiro
Esse povo é impiedoso
Não ganharão o perdão
Do santo Pai Poderoso.

No trecho seguinte, Lampião reconhece os seus erros, mas os justifica quando se diz injustiçado, o que de certa forma daria margem para a aprovação de sua conduta criminosa. Muitos cangaceiros, cansados das humilhações sofridas, decidiam ingressar no mundo do cangaço, para lutar contra as desigualdades sofridas.

Segundo Ferreira e Amaury (1999), há um engano quando se pensa que todos os cangaceiros eram homens sem-terra, que não possuíam nada, está longe de ser verdade, muitos eram proprietários, assim como Lampião. Na maioria das vezes, o que os levou para o cangaço foi o acúmulo das injustiças sofridas nas mãos de quem detinha o poder, as perseguições constantes e as mágoas pessoais.

Sei que sou um pecador
O meu erro reconheço
Mas eu vivo injustiçado
Um julgamento eu mereço
Pra sanar as injustiças
Que só me causam tropeço.

O texto apresenta ainda a imagem de um Lampião que, além de religioso, é também conhecedor de seus direitos, quando em uma das estrofes Lampião se mostra indignado por ter sido julgado, segundo os santos, em um julgamento no qual não esteve presente. Nesse momento, Pedro ainda o excomunga, concebendo a imagem do cangaceiro como um endiabrado.

Mas isso não faz sentido
Falou São Pedro irritado
Por uma tribuna livre
Você aqui foi julgado
E o nosso onipotente
Deu seu caso encerrado.

Como fazem julgamento
Sem o réu estar presente?
Sem ouvir sua defesa?
Isso é muito deprimente
Você Pedro está mentindo
Disso nunca esteve ausente

Sobre o batente da porta
Pedro bateu seu cajado
De raiva deu um suspiro
E falou muito exaltado:

Te excomungo Virgulino
Cangaceiro endiabrado.

Mas adiante, percebemos que a violência não é característica apenas dos cangaceiros, pelo menos não no cordel aqui analisado, pois o mesmo apresenta a revolta dos Santos em relação à presença de Lampião na “santa morada”.

Houve um grande rebuliço
Naquele exato momento
São Jorge e seus guerreiros
Cada qual mais violento
Gritaram pega o jagunço
Ele aqui não tem talento

Lampião vendo o afronto
Naquela santa morada
Disse: Deus não está sabendo
Do que há na santarada
Bateu mão no velho rifle
Deu pra cima uma rajada.

O pipocado de bala
Vomitado pelo cano
Clareou toda a fachada
Do reino soberano
A guarnição assombrada
Fez Pedro mudar de plano.

Nas estrofes que se seguem, a imagem que se destaca é a do homem religioso. Os santos decidem chamar Cícero Romão (Padre Cícero) para acalmar seu afilhado, Lampião. De acordo com Ferreira e Amaury (1999), muitas vidas foram poupadas apenas por pedirem clemência em nome de padre Cícero, pois Lampião dele era devoto. Esse trecho ainda apresenta uma insatisfação dos santos com a presença desse padre. Sua santidade chega a ser questionada, se era apenas um padre, ali não deveria estar. Mas sua importância no nordeste brasileiro é posta em evidência, justificando sua presença ali.

Em um quarto bem acústico
Nosso senhor repousava
O silêncio era profundo
Que nada estranho notava
Sem dúvida o Pai Celeste
Um cansaço demonstrava

Pedro já desesperado
Ligeiro chamou São João
Lhe disse sobressaltado:
Vá chamar Cícero Romão
Pra acalmar seu afilhado
Que só causa confusão

Resmungando bem baixinho
Pra raiva poder conter
Falou para Santo Antônio:
Não posso compreender
Este padre não é santo
O que aqui veio fazer?!

Disse Antônio: fale baixo
De José é convidado
Ele aqui ganhou adeptos
Por ser um padre adorado
No Nordeste brasileiro
Onde é “santificado”.

Padre Cícero então fingindo nada saber, começa a traçar um plano para salvar seu afilhado. Esse trecho demonstra que, mesmo as pessoas que se comportam mal, quando recorrem à religião devem receber uma segunda chance. Assim também o é na comunidade, como afirma Hobsbawm (1976), que recebe sem nenhuma apreensão o bandido social que à casa torna.

Padre Cícero experiente
Recolheu-se ao aposento
Fingindo não saber nada

HISTÓRIA E REPRESENTAÇÃO: A IMAGEM DE LAMPIÃO NA LITERATURA DE CORDEL,
LAIS CAROLINA MACHADO E SILVA

Um plano traçava atento
Pra salvar seu afilhado
Daquele acontecimento.

Logo João bateu na porta
Lhe transmitindo o recado
Cícero disse: vá na frente
Fique despreocupado
Diga a Pedro que se acalme
Isso já será sanado.

Mesmo aqueles que levam uma vida cheia de pecados, quando se redimem e não descumprem mais a lei, devem ter a chance de uma nova oportunidade. Tanto é que Lampião é chamado de cristão por padre Cícero, quando sai em sua defesa. Lampião então se emociona ao encontrar padre Cícero e reconhece que apenas seu lado ruim estava sendo posto em questão, pois também sabia que como herói também era percebido. Quem também se emociona é São Pedro.

Alguns minutos o padre
Com uma Bíblia na mão
Ao ver Pedro lhe indagou:
O que há para aflição?

Quem lá fora tenta entrar
E também um ser cristão

São Pedro disse: absurdo
Que terminou de falar
Mas Cícero foi taxativo:
Vim a confusão sanar
Só escute o réu primeiro
Antes de você julgar.

Lampião tirou o chapéu
Descalço também ficou
Avistando o seu padrinho
Aos seus pés se ajoelhou
O encontro foi marcante
De emoção Pedro chorou
Ao ver Pedro transformado
Levantou-se e foi dizendo:
Sou um homem injustiçado
E por isso estou sofrendo
Circula em torno de mim
Só mesmo o lado ruim
Como herói não estão me vendo.

Nas próximas estrofes destacadas é perceptível o descontentamento com a polícia local que, segundo Lampião, extorquia os cidadãos de bem e os deixava na mais terrível aflição. A população sofreu muito com os abusos cometidos

pela polícia. A população vivia um temor, entre cangaceiros e as forças de perseguição. Muitas comunidades, por medo, forneciam alimentação para os cangaceiros, portanto não sofriam violência, mas se logo após as volantes chegassem e percebessem que haviam ajudado os bandos, a violência era sentida na pele e em dobro.

Sou o Capitão Virgulino
Guerrilheiro do sertão
Defendi o nordestino
Da mais terrível aflição
Por culpa dum polícia
Que promovia malícia
Extorquindo o cidadão.

Nas estrofes que compõem o final do cordel, a vida de cangaceiro de Lampião é por ele justificada. A vingança pela morte de seu pai o teria feito um soldado da lei, que lutaria para garantir justiça a quem quer que fosse.

Por um cruel fazendeiro
Foi meu pai assassinado
Tomaram dele o dinheiro

De duro serviço honrado
Ao vingar a sua morte
O destino em má sorte
Da “lei” me fez um soldado.

Mas o que devo a visita
Pedro fez indagação
Lampião sem bater vista:
Vê padim Ciço Romão
Pra antes do ano novo
Mandar chuva pro meu povo
Você só manda trovão

Por fim, Lampião é mandado de volta ao sertão, pois nem mesmo o diabo foi capaz de aceitá-lo, quem mesmo o pode suportar é somente o “cabra da peste”, que com ele já estava acostumado.

Pedro disse: é malcriado
Nem o diabo lhe aceitou
Saia já seu excomungado
Sua hora já esgotou
Volte lá pro seu Nordeste
Que só o cabra da peste
Com você se acostumou

Considerações finais

Fica evidente, após a análise do cordel, que esse é um tipo de literatura que aborda os temas da região onde o Cangaço encontrou solo fértil para ser gerado. O cordel surgiu como uma manifestação da memória popular, eternizando a figura pública de Lampião, já que o mesmo inspirou diversos cordéis que por aí foram escritos. Mesmo após sua morte, suas artimanhas continuaram a ser contadas, inclusive histórias fantasiosas, como a que aqui é analisada.

A chegada de Lampião no céu é um texto que nos permite perceber a dificuldade encontrada pela sociedade em conceber o real papel histórico de Lampião, que encontrou nos coiteiros a força para dar continuidade a sua missão, já que a maioria de suas vitórias só foi possível pela ajuda que recebeu. A população na verdade se via de “mãos atadas”, pois de um lado estavam os cangaceiros com sua violência, não da forma exagerada como se diz, e do outro as volantes que perseguiram

os cangaceiros, aplicando toda forma de violência possível a quem demonstrasse ajuda a eles.

Lampião surgiu em uma época em que o descontentamento com a polícia era grande, a população pode ter encontrado nele a força que desejava para enfrentar as adversidades que ali sofriam. Foi um bandido social, que nunca deixou de fazer parte da comunidade em que foi criado. Isso se torna nítido no cordel analisado, que parece expressar o paradoxo enfrentado pela sociedade ao se deparar com a imagem de Lampião.

Durante todo o texto características boas e ruins são elencadas: enquanto em uma estrofe o cangaceiro destemido e endiabrado aparece, na outra a imagem construída é de um homem cristão e devoto de padre Cícero.

De acordo com Nora (1993) a memória é a vida, carregada por grupos vivos, ela sempre está em evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, é um fenômeno sempre atual, um elo que é vivido no eterno

presente. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.

Percebe-se que esse cordel apresenta traços de uma memória que é coletiva, pois expõe uma imagem que é construída a partir das contradições que permeiam a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

BURKE, P. **A Escola dos Annales**, 1929-1989. São Paulo: UNESP, 2003.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ed. Col. Memória e sociedade. DIFFEL, 1988.

FACO, R. **Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1988.

FERREIRA, V; AMAURY, A. **De Virgulino a Lampião**. São Paulo : Idéia Visual, 1999.

HOBBSAWM, E. J. **Bandidos**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1976.

LE GOFF, J.; NORA, P. **História: novos problemas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1988.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História. Revista de estudos pós-graduados de história. 22 pág. São Paulo (10) Dez. 1993.

PEDROSO, F.; VASQUEZ, P. **Universo do cordel**. Recife: Instituto Cultural Banco Real, 2008.

PESAVENTO, S. **Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (Séculos XIX e XX)**. Porto Alegre, 1990.

VIEIRA, G. **A chegada de Lampião no Céu**. Disponível em: <<http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/achegadad elampiaonoceu.pdf>> Acesso em: 26 fev. 2015.

Recebido em: 07/05/2017.

Aprovado em: 18/06/2017.

Publicado em: 28/08/2017.